
FEDERICI, Federico. *Translation as Stylistic Evolution: Italo Calvino Creative Translator of Raymond Queneau*. Amsterdam/New York: Rodopi, 2009, 302 p.

Com *Translation as Stylistic Evolution: Italo Calvino Creative Translator of Raymond Queneau*, Federico Federici nos apresenta um livro de grande envergadura, no qual a tradução calviniana de *Les Fleurs Bleues* (1965) em *I fiori blu* (Einaudi, 1967) é contemplada em amplitude teórico-crítica, e significa uma importante contribuição para os estudiosos da obra de Calvino, quando se pensa que o assunto *tradução* ocupou um espaço privilegiado em suas cartas e em alguns ensaios célebres.

Além disso, o trabalho de Federici é também muito bem-vindo por representar, a nosso ver, uma resposta, infelizmente tardia para Calvino, ao desejo de que seu trabalho de tradutor de Queneau fosse objeto de análise, conforme manifesta na única carta sobre *I fiori blu* constante de seu vasto epistolário, datada de 05 de dezembro de 1980 (portanto de quase quinze após a publicação da tradução) ao crítico Domenico D’Oria: “[...] molto m’avrebbe fatto piacere una sua analisi della mia traduzione in italiano (le uniche che sono in grado di fare) dei *Fleurs bleues* di Queneau, dove il contributo di invenzione ex-novo è molto” (*Lettere*, 2001, p. 1443).

Embora citando a referida carta (p. 73), o estudioso parece não se dar conta disso, ao mencioná-la apenas para tratar

o tema da domesticação na tradução calviniana. Mas é notável o fato de que, quatro décadas após a publicação de *I fiori blu*, ele nos ofereça uma cuidadosa análise do mesmo sob o ponto de vista comparativo entre *source language* (SL) e *target language* (TL), além de resgatar estudos importantes como “Calvino traduttore: I fiori blu” (1993) de Silvia Taddei e *Italo Calvino and French Literary Tradition* (1997) de Joanna Stephens, e também de contextualizar, na dimensão espaço-temporal, a obra, o autor, a tradução e o tradutor, dentro de uma perspectiva histórico-geográfica e poético-literária, que ocorre sob o signo do OULIPO - Ouvroir de Littérature Potentielle, fundado em 1960 por Raymond Queneau e François Le Lionnais.

Os quatro capítulos da primeira parte, dedicados aos “mundos intelectuais” de Calvino e Queneau e aos seus pontos de vista sobre literatura e tradução, refletem o olhar de Federici sobre aspectos que embasam e referendam a segunda parte, constituída também de quatro capítulos, com

a análise propriamente dita de *I fiori blu*. Vale a pena mencionar os gráficos e tabelas claramente explicativos; os apêndices com a *Nota do tradutor* em versão bilíngue (pp. 263-274); o quadro sinóptico do léxico de *Les fleurs bleues* comparado com o target text (TT) calviniano, selecionado por Jean-Yves Pouilloux (pp. 275-281) e a ampla bibliografia (402 indicações), como uma importante contribuição aos estudos de literatura e tradução.

Federici busca, na década anterior à entrada (1972) de Calvino no OULIPO, várias de suas importantes referências ao fazer literário de Queneau, em ensaios como *La sfida al labirinto* (1962) – em que o situa no “filone neorabelaisiano-babelicogoticobarocco [che] si innesta in quello babelico-enciclopedico-intellettuale –, e *Cibernetica e fantasmi* (1967), em que lhe elogia o “incontro tra matematica e letteratura [...] sotto il segno del divertimento e della fumisteria”, do qual cita como exemplo *Cent mille milliards de poèmes*, “un rudimentale modello di macchina

per costruire sonetti uno diverso dall'altro" (*Saggi*, v. I, p. 121; 212). Aliás, ao mencionar os ensaios como "Calvino's theoretical writings (p. 4), o pesquisador mostra, desde o início, o reconhecimento do gênero ensaístico como instrumento teórico-crítico, o que se comprova nas remissões à obra de Calvino ao longo do livro.

Ainda na primeira parte, o livro trata das relações das ideias oulipianas com o *Collège de Pataphysique* (fundado em 1948 pelos seguidores de Alfred Jarry) e com as poéticas queneauniana e calviniana (na visão de "literatura como jogo"), e trata também da interligação intelectual e poética de Calvino com o OULIPO – Calvino's entry into the Oulipo represented both the call from a similar 'spirit', Queneau, who invited him personally, and the end of a process in which his poetics converged towards ideas similar to those proposed by the Oulipians" (p. 4) –, com ênfase para o importante papel da revista *Il Caffè* (1953-1977), de Giambattista Vicari, para a publicação

das experimentações de Calvino.

Federici apresenta as concepções de Calvino sobre a tradução como *teoria*, com ensaios famosos como *Sul tradurre* (1963) e *Tradurre è il vero modo di leggere un testo* (1985), e como *ação*, com o *ensaio Furti ad arte (Conversazione con Tullio Pericoli)* (1980). Nesse último, ao refletir sobre *I fiori blu*, Calvino explicita o movente de seu trabalho de tradutor:

Tradurre è il sistema più assoluto di lettura. Bisogna leggere il testo nelle implicazioni di ogni parola. L'esperienza della traduzione delle *Fleurs bleues* di Queneau è stata particolare perché molto spesso c'erano dei giochi di parole che dovevo sostituire con altri giochi di parole, facendo in modo che il testo avesse lo stesso ritmo, la stessa leggerezza, e anche la stessa necessità interiore: non solo per far vedere che qui c'era un gioco di parole e adesso ce ne ho messo un altro (*Saggi*, v. II, p. 1807).

Desse modo, segundo Calvino, por caracterizar-se como uma leitura de intensidade especial, a tradução talvez possa ser uma espécie de "furto" de cunho muito

particular, devido à insistência com que o tradutor deve buscar, na obra original, algo que nela se encerra para trazê-lo à tona novamente. E essa busca justificaria suas intervenções no texto original, fundamentadas na ideia de que uma obra de arte é um “patrimônio comum” (*Saggi*, v. II, pp. 1807-1815), o que se observa inclusive em sua declaração na carta a Domenico D’Oria sobre o caráter “ex-novo” de *I fiori blu*.

Para Federici, a *intervenção* é uma ação inteiramente oulipiana, pois a ideia de “enciclopédia literária” queneauniana corresponde ao patrimônio coletivo referido por Calvino. Porém, segundo o pesquisador, diferentemente de uma obra de arte recriada ou reinterpretada, a tradução, representada pela *releitura* de um trabalho artístico, é mediadora dessa passagem, não cronologicamente, mas geograficamente (2009, p. 37), o que supõe os contextos de partida e de chegada e suas respectivas línguas.

Ao procurar indicar o *background* teórico de Calvino sobre o tema da tradução, Federici ana-

lisa suas relações com as teorias em evidência nos anos Sessenta, inclusive com os subsídios da *Nota del traduttore* (pp. 75-84 e apêndices A e B), e nos anos Oitenta (pp. 84-88), e também sob o ponto de vista de suas ações tradutórias e respectivas terminologias nos atuais Estudos de Tradução (pp. 125-138), além de referendar seu aprendizado com o importante projeto de tradução da *Editore Einaudi* de Turim, onde ele trabalhou (na maior parte do tempo como consultor editorial) por trinta e seis anos.

Ao tratar da tradução na tradição literária italiana, referindo-se ao século XIX, além de tributar a Benedetto Croce o impedimento de reflexões teóricas da parte de outros linguistas por décadas – “Italy remained influenced by the sharp and clear Idealism of this philosopher” (pp. 63-64) – Federici considera a remissão de Leopardi aos clássicos greco-latinos para a “boa prática da tradução” como um obstáculo ao desenvolvimento de novas abordagens teóricas, embora não impeditiva aos tradutores de produzirem técnicas inovadoras.

Em nosso ponto de vista, a educação clássica preconizada por Leopardi não significa um retrocesso teórico, pois a leitura dos clássicos greco-latinos tem a ver com suas escolhas literárias e estéticas, diante da biblioteca paterna, visto que “i classici servono a capire chi siamo e dove siamo arrivati”, afirma Calvino no ensaio *Perché leggere i classici* (1981). Assim também a obra de Leopardi representa para Calvino uma escolha, referendada por suas quatorze definições de *clássico* constantes do referido ensaio, como ele próprio atesta, ao dar-se conta de que o autor do *Zibaldone* é “il solo nome della letteratura italiana che [ha] citato. Effetto dell’esplosione della biblioteca” (*Saggi*, v. II, p. 1824).

Surpreendentemente, ao mencionar a importância do *Zibaldone* na Itália, Federici descredita, de certa forma, a influência das ideias de Leopardi sobre o fazer tradutivo de Calvino, por considerá-las não-teóricas (e nisso inclui as de Croce): “Calvino, like most Italian intellectuals, could not be entirely impassive

to the reverential considerations that both Croce’s thought and Leopardi’s *Zibaldone* receive in Italy; it can be assumed that he knew their observations on translation, which are non-theoretical” (p. 65).

Essa visão, equivocada a nosso ver, parece não avaliar a atualidade das ideias de Croce e de Leopardi no debate sobre a possibilidade da tradução. Notadamente em seus ensaios *Indivisibilità dell’espressione in modi o gradi* ([1902] 1928) e *L’intraducibilità della rievocazione* (1936), Croce interpõe um labirinto conceitual entre a obra original e os tradutores de prosa e de poesia, mas com um fio a reconduzi-los à luz por meio da “semelhança das expressões”, ou com a “recriação de poesia” nas traduções poéticas, ideia defendida na prática também pelos irmãos Campos.

Quanto a Leopardi, observa-se uma tendência recorrente em sua fortuna crítica: muito admirado como poeta, mas ainda pouco estudado como ensaísta, é raramente citado na história da

tradução. No entanto, foi em uma centena de páginas do *Zibaldone* (conhecido por Calvino desde a juventude, como demonstram suas cartas a Eugenio Scalfari e a obra da maturidade, *Lezioni americane: sei proposte per il prossimo millennio* (1988)), que Leopardi desenvolveu suas reflexões sobre teoria e crítica da tradução, como uma necessidade vital para si mesmo. Além disso, de sua recomendação ao escritor iniciante de traduzir os clássicos gregos e latinos, como Homero, Virgílio e Horácio, depreende-se a ideia da tradução de qualidade como obra do escritor maduro, estabelecendo, na conjugação dessas ideias, a defesa do treinamento dos tradutores (GUERINI, *Gênero e tradução no Zibaldone de Leopardi*, 2007, pp. 129-152). Desse modo, o *Zibaldone* e as cartas e ensaios de Calvino revelam o caráter de referência que o trinômio leopardiano “autor-tradutor-leitor” representa para o quadrinômio calviniano “autor-editor-tradutor-leitor”, para a tradução entendida como síntese entre fidelidade e liberdade.

Outro aspecto importante da análise se refere à observação de que, em *I fiori blu*, Calvino realiza um trabalho que foge ao conceito venutiano da tradução como introdutora na língua de chegada de novas possibilidades. Segundo o estudioso, isso se deve à ideia, muitas vezes declarada por Calvino, da superioridade do italiano sobre o francês (lembramos, em consonância com Leopardi), o que lhe possibilita também realizar uma naturalização de Queneau em italiano, ou uma reinvenção do romance (2009. p. 73).

Federici se vale também da comparação com o original para demonstrar que “Calvino operated as a translator who knew his instruments, or could recognize them, but who also had a good understanding of linguistics, semiotics, and Translation Studies that he considered as a justification for his creative interventions”, tanto que a tradução se reflete em sua evolução estilística: “As both Queneau’s idea of literature as a form of translation and Calvino’s act of translation without doubt in-

fluenced Calvino's own style and increased the intertextuality of his works [...]" (pp. 84-87-88).

Assim, a segunda parte do livro apresenta as ramificações da análise comparativa, e, não podemos deixar de lembrar, oferecendo também muitos subsídios aos estudiosos de Queneau, escritor e tradutor do inglês, de cuja complexidade estilística, fundamentada no uso da linguagem, nascem os desafios para Calvino tradutor (inclusive com páginas notáveis sobre a "proficiência" de Calvino em francês (pp. 111-120) e sobre a intertextualidade, muitas vezes de difícil "decifração", presente na obra de Queneau (pp. 139-171).

Federici observa com grande clarividência, que o "continuous *exercise de style* had been practised and studied by Calvino during his research on Italian folktales [...] and he used them so as to reproduce Queneau's inventions" (pp. 123). Embora não desenvolvendo o tema, essa breve menção a *Fiabe italiane* (1956) (outra é sobre o aprendizado de Calvino em etnografia (p. 59)), é muito

significativa, pois, a nosso ver, a coletânea de fábulas é o primeiro grande trabalho de tradução de Calvino, situado em uma longa linha entre as traduções intralinguística e interlinguística (Jakobson), o que comprova sua própria afirmação em carta de 05 de abril de 1967 a John R. Woodhouse: "le ho tradotte da tutti i dialetti, cercando di trovare uno stile *italiano* comune e nello stesso tempo lasciar affiorare qualcosa del loro aroma dialettale [...]" (*Lettere*, p. 950).

Igualmente valiosa é a análise comparativa com referência à abordagem histórica pelo autor e pelo tradutor (pp. 173-196), e inspiradora a forma como é realizada a análise quantitativa das estratégias calvinianas para a tradução (pp. 197-209).

Embora não fosse favorável à classificação de seu estilo dentro de movimentos ou tendências, Calvino sabia que isso ocorreria naturalmente, como escreveu a Goffredo Fofi, em carta de 30 de janeiro de 1984 - "Ora io credo che la poetica d'un autore si deve ricavare a posteriori dalle sue

opere, cioè da quello che è riuscito veramente a fare (*Lettere*, p. 1514) – e, assim, sua bibliografia crítica reúne visões que percorrem conceitos de poética neobarroca (Simoneta Chessa Wright.), moderna (Paolo Fabbri), pós-moderna de tradição moderna (Kaplan, Barth, Berardinelli, Fouces Gonzáles), e pós-moderna, como é o caso de Federici.

Federici considera a evolução estilística e as intervenções de Calvino no *source text* (esse também de caráter pós-moderno), dentro da necessidade de internacionalização da literatura italiana, argumento que moveu Calvino nos debates sobre a língua nos anos Sessenta (notadamente com Pasolini), dos quais são mostras os ensaios *L'antilingua* e *L'italiano una lingua tra le altre lingue* (ambos de 1965): “The TT became a form of Calvinization of the ST, in which Calvino continued his personal reform of Italian, even when translating” (pp. 245-248; 255).

Essa ideia nos parece válida, porém não como consecução de um percurso poético, mas, sim,

como uma de suas fases, decorrente da liberdade assumida por Calvino para buscar novos rumos e experimentações literárias (como a narrativa combinatória da fase oulipiana), pois a análise de sua poética ao longo dos anos, desde os primeiros escritos *partigiani* até sua declaração de apreço aos clássicos (notadamente Leopardi) representada por *Lezioni americane*, traz a marca de um autor moderno.

A ideia da tradução como fonte de ensino e aprendizagem é atestada na carta de 12 de dezembro de 1978 ao jovem tradutor Nicola Muschitiello (hoje poeta, professor e estudioso de literatura francesa e tradutor de clássicos franceses): “Tradurre è un mestiere che s’impara, se si ha il senso e l’amore delle parole [...]. E c’è un’economia dell’espressione che si impara nella *traduzione che è lezione eccellente per lo scrivere in proprio*” [grifo nosso] (*Lettere*, p. 1388, n. 2).

Essa certeza de Calvino, explicitada em seus elos e funções no campo da tradução e atestada em suas cartas e ensaios, corrobora os

resultados obtidos por Federici em sua análise de *I fiori blu* - “it is a creative translation that produced a structural change in Calvino’s own style” (p. 262) – e por isso

coerentemente anunciados no título de seu valioso livro.

Andréia Guerini
UFSC

Tânia Mara Moysés
UFSC
